

# As velocidades brasileiras de uma inimizade desvairada

## O (des)encontro de Marinetti e Mário de Andrade em 1926

Jeffrey T. Schnapp  
João Cezar de Castro Rocha

*Sucesso incrível cachecol do Marinetti para venda em lojas dança do Marinetti roupas do Marinetti colares e bastões do Marinetti impermeável do Marinetti Repercussões em todas as cidades brasileiras.*<sup>1</sup>

*Triunfal explosão do futurismo na América do Sul com minhas 35 conferências-declamações (...) O escritor Antonio Salles concluiu na Revista do Brasil: "Precisamos esquecer mesmo nossos melhores escritores. Como Jeová, o futurismo cria um novo mundo a partir do nada. Devemos recontar o Tempo, começando a história no ano da graça da aparição de Marinetti."*<sup>2</sup>

Gostaríamos de agradecer a Yasushi Ishii e a Sylvia Saftta por valiosas informações referentes à passagem de Marinetti na Argentina. A Heloísa Toller Gomes agradecemos o interesse pelo texto e por ter tornado possível a sua publicação em português.

<sup>1</sup>. Il banchetto futurista di Tunisi, in MARIA, Luciano de, org. *Una sensibilità italiana in Egitto*. Milão: A. Mondadori, 1969, 325.

<sup>2</sup>. MARIA, Luciano de, org. *Marinetti e il Futurismo in Teoria e invenzione futurista*. Milão: A. Mondadori, 1983, 619.

Em registros semelhantes, o fundador do futurismo preservaria a memória da primeira fase da viagem que o conduziu à América do Sul. Aliás, uma ambiciosa viagem comercial que, no curso de quase dois meses, levou Marinetti e sua esposa, Benedetta, do Rio de Janeiro a São Paulo e Santos, sem contar com o ciclo de conferências realizado em Buenos Aires e Montevidéu. Encenada em grandes teatros, divulgada como um espetáculo, representada como uma campanha militar, inspirada no modelo das lendárias *serate futuriste*, as “conquistas” da turnê eram comunicadas ao público de todo o mundo e, em especial, ao italiano na forma de exaltados telegramas, enviados como notícias de um campo de batalha imaginário: *Marinetti obteve extraordinário triunfo sendo delirantemente aplaudido, noitada culminação espiritual propagandística triunfo Marinetti, Marinetti fala futurismo aplaudido êxito completo retransmitir a Paris...*

A realidade da viagem, contudo, foi muito mais complexa, pois Marinetti se viu no centro de debates políticos e culturais cujas sutilezas e idiossincrasias necessariamente escapavam ao seu controle e, sobretudo, à sua com-

preensão. Ora recebido com inesperado entusiasmo, ora rejeitado com estu-  
dada indiferença tanto pelo público quanto pelos intelectuais; celebrado  
como um herói cultural e denunciado como um incômodo passadista; ubíquo  
na imprensa, ao menos no Rio de Janeiro, onde teve presença constante até  
no rádio; o futurista foi, por fim, um alvo fácil para manifestações favoráveis  
ou contrárias ao fascismo. A onipresente visibilidade de Marinetti terminou  
por precipitar divergências já então evidentes no movimento modernista.  
Além das cicatrizes que a viagem de Marinetti ajudou a expor no meio  
intelectual brasileiro, traços mais permanentes podem ser surpreendidos na  
própria obra do italiano. Antes de 1926, a geografia imaginária de Marinetti  
permanecera circunscrita aos limites do exotismo oitocentista francês. No  
entanto, o futuro reservaria um lugar especial às suas impressões de viagem.  
Afim, como o futurista sempre fez questão de repetir, ele possuía “uma  
sensibilidade italiana nascida em Alexandria, Egito”. Nesta cartografia parti-  
cular, Marinetti representava a si mesmo como a materialização das fantasias  
técnico-primitivas que informam seus textos “africanistas” – *Mafarka le  
futuriste* (1910), *Gli indomabili* (1922), *Il tamburo di fuoco* (1922). O ideal  
de fusão do primitivo com o moderno e do africano com o europeu na  
invenção de um paraíso tropical e modernista convertia o Brasil num territó-  
rio perfeito para um imaginário colonizador. Território colonizado por Mari-  
netti em *Velocità brasiliane*, um poema composto por palavras-em-liberdade  
e até agora inédito, embora Marinetti o tenha parcialmente apresentado na  
primeira conferência realizada no Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

Neste ensaio, apresentamos uma versão preliminar (e muito reduzida)  
das pesquisas que estamos desenvolvendo sobre as viagens de Marinetti à  
América do Sul em 1926 e 1936, com especial destaque para a primeira  
delas.<sup>4</sup> Estimulados pelos trabalhos pioneiros de Annateresa Fabris e de  
Sylvia Saftta, buscamos reconstruir o contexto, a estrutura e o conteúdo  
destas viagens, utilizando, além de fontes já conhecidas, documentos inéditos.<sup>5</sup>  
Na década de 20, a cena intelectual latino-americana mantinha uma  
relação ambígua com o futurismo.<sup>6</sup> Num primeiro momento, o termo sinteti-  
zava um conjunto indiscriminado de fenômenos associados à modernidade.  
Sentido reforçado pelo próprio Marinetti, ao imaginar que sua chegada ao Rio  
de Janeiro provocaria a explosão de produtos com uma nova marca: “Mari-  
netti” – cachecóis, roupas, colares, bastões e casacos. Com a aproximação  
dos anos 30, a ambigüidade progressivamente se reduziu a um sentido mais  
rígido e quase sempre negativo. De um lado, novas correntes culturais desa-  
fiavam o posto de vanguarda ocupado pelo futurismo desde 1909. De outro  
lado, sua crescente identificação com o fascismo e o ultra-nacionalismo  
engendrava fortes restrições, como Marinetti pôde experimentar na reação do  
público em São Paulo, Santos e Buenos Aires. Por fim, no próprio cenário  
latino-americano, a década de 20 presenciou a disputa entre o impulso cos-

<sup>3</sup>. No espaço deste ensaio, não poderemos reproduzir o poema. No livro que estamos preparando, contudo, *Velocità brasiliane* ocupará um lugar central.

<sup>4</sup>. Para uma versão mais detalhada da viagem ao Brasil, com breves referências aos desdobramentos argentino e uruguaio, o leitor pode consultar nosso ensaio “*Brazilian Velocities: On Marinetti’s 1926 Trip to South America*”, no número especial sobre o futurismo in *South Central Review / Fall, 1996*. Neste ensaio, apresentamos uma edição crítica do poema de Marinetti.

<sup>5</sup>. Sobre a viagem de Marinetti ao Brasil em 1926, ver FABRIS, Annateresa. *O futurismo paulista. Hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1994, 217-259. De Annateresa Fabris, o leitor deve também consultar *Futurismo: uma poética da modernidade*, São Paulo: Perspectiva, 1987. Sylvia Saftta reconstruiu o impacto (e o não-impacto) da presença de Marinetti em Buenos Aires in Marinetti en Buenos Aires. Entre la política y el arte, *Cuadernos Hispanoamericanos* 539/540: 161-69, Maio-Junho 1995.

<sup>6</sup>. Nelson Osorio Tejada descreve a recepção inicial do futurismo na América-Latina. La recepción del Manifiesto Futurista de Marinetti en América Latina, in *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana* 15: 25-37, 1982.

7. Marinetti realizou esta proeza no célebre manifesto *Le Futurisme mondial*, in *Le Futurisme. Revue Synthétique Illustrée*, 11 de janeiro de 1924, 1-2.

8. Martín Fierro, 8 de julho de 1926, 5.

mopolita das primeiras vanguardas e a orientação autóctone na busca de modelos autônomos de modernização. Estes fatores transformaram o sempre ansioso espírito cooptador de Marinetti numa ameaça cada vez mais inconveniente. Por exemplo, na década de 20, o futurista tentara caracterizar como seus “seguidores” autores tão diversos como Blaise Cendrars, Jean Cocteau, Drieu la Rochelle, Jorge Luis Borges, Vicente Huidobro, Mário de Andrade, Yan de Almeida Prado e muitos outros.<sup>7</sup> Para recontar a viagem de Marinetti, estaremos questionando tanto a versão triunfalista do futurista quanto os mitos defensivos elaborados por escritores contemporâneos ao evento e críticos literários. No contexto brasileiro, escritores e críticos têm sido unânimes em considerar a visita de Marinetti um autêntico fracasso. Contudo, uma análise mais detida de documentos disponíveis em arquivos até agora pouco pesquisados ou desconhecidos sugere uma história muito distinta. *Uma história que esclarece o papel central desempenhado pelas circunstâncias da vida literária local na criação da memória, logo, na percepção futura da visita de Marinetti*. Em alguma medida, esta história “despolitiza” a reação à presença de Marinetti, revelando que, em boa parte das críticas suscitadas pelo italiano, o que estava em jogo era sobretudo a definição da *persona* pública que um escritor deveria assumir. É claro que não pretendemos negar ou mesmo camuflar as implicações políticas da aproximação do futurismo com o fascismo; ora, na viagem de 1936, por ocasião da reunião do Pen Club, em Buenos Aires, Marinetti foi expulso do encontro devido ao seu agressivo proselitismo. Entretanto, os problemas de ordem política têm servido aos críticos literários como um autêntico *passé-partout*: basta evocá-los e todas as interrogações logo encontram uma resposta “satisfatória”. Para formular perguntas novas, precisamos situar a questão política numa dimensão apropriada. A única forma de fazê-lo consiste em resgatar a concretude do cotidiano dos lugares visitados por Marinetti. Esta concretude tanto se relaciona aos eventos comuns do dia-a-dia quanto às relações entre os homens de letras e suas conexões com a imprensa e com os ambientes mais formais, como as academias ou associações similares. Por fim, os documentos consultados em nossas pesquisas revelam que, do ponto de vista comercial, a viagem de Marinetti foi um grande êxito. Êxito também em outra esfera, como foi reconhecido pelos editores da revista argentina de vanguarda, *Martín Fierro*: “o simples fato de que Marinetti tenha insistido em anunciar ao grande público e aos jornais populares a beleza da vida moderna – para nós um lugar comum que praticamos há muitos anos – é em si mesmo uma inovação”.<sup>8</sup> Uma inovação cujo êxito popular tanto gerou novas alianças quanto destruiu antigas, contribuindo para a eventual rejeição do futurismo no cenário latino-americano.

Principiaremos nossa análise com uma breve menção a um aspecto jamais examinado com o cuidado necessário: o lado financeiro da viagem.

Afinal, o motivo determinante da visita de Marinetti foi, em primeiro lugar, puramente comercial. Mas privilegiaremos o relacionamento entre Marinetti e Mário de Andrade, sem dúvida o motivo “secreto” tanto da recepção tumultuada que esperava o italiano em São Paulo quanto da chave de interpretação que Mário criou e que os críticos literários têm fielmente reproduzido.

## I. O grande circuito

...foi-se o tempo em que Marinetti era milionário. Ele poderia chegar de Tóquio e de imediato partir para Madri. Os ingressos para o teatro eram gratuitos. Agora, ao contrário, Marinetti necessita *produzir*.<sup>9</sup>

Eu tive a satisfação de empreender uma grande turnê na América do Sul com um empresário que pagava um salário e lucrava com a minha voz, permitindo ao mesmo tempo que eu também lucrasse.<sup>10</sup>

Na década de 20, Marinetti enfrentava sérias dificuldades financeiras resultantes de fracassos editoriais e de uma série de batalhas legais iniciadas com o processo contra o *Mafarka le futuriste* (1910). Ao mesmo tempo, o futurista lutava para manter a visibilidade de seu movimento, já na segunda década de existência. Os desafios a serem vencidos eram muitos. A Primeira Guerra Mundial provocara a morte de importantes colaboradores – Boccioni e Sant’Ellia. Além disto, dissenções significativas se multiplicaram – Palazzeschi, Folgore, Papini, Carrà, Severini e Sironi. Novas correntes culturais passaram a disputar o espaço artístico europeu – a ascensão de novos objetivismos, purismos e classicismos. Por fim, a progressiva hegemonia de nacionalistas conservadores no governo de Mussolini representou uma potencial ameaça ao caráter inicialmente disruptivo das idéias futuristas. No entanto, o Congresso Futurista, realizado em Novembro de 1924, assim como as homenagens prestadas a Marinetti em toda a Itália marcaram a renovação do movimento e sua reabsorção pela ordem fascista. Esta reabsorção foi consolidada em publicações como *Futurismo e fascismo* (1924), *I nuovi poeti futuristi* (1925) e ainda na mudança realizada por Marinetti e Benedetta, em 1925, de Milão a Roma. Era esta a situação de Marinetti quando ele foi abordado pelo empresário brasileiro Niccolino Viggiani com uma proposta tão inesperada quanto prometedora. Afinal, se o amanhã do futurismo parecia incerto no cenário europeu, na América Latina ele continuava sendo um importante ponto de referência, embora extremamente polêmico. Ademais, países como Brasil e Argentina pareciam ideais para receber o futurista, pois o claro interesse pelos debates sobre modernização cultural se associaria à presença de uma expressiva comunidade italiana, em geral um bom público para espetáculos teatrais e para companhias de ópera compostas por artistas

<sup>9</sup>. GOBETTI, Piro, Marinetti, il precursore in *Il Lavoro di Genova*, 31 de janeiro de 1924.

<sup>10</sup>. MARINETTI, F.T., Per la inaugurazione della Esposizione Futurista della Casa del Fascio in *Università Fascista – Lezioni*, Bolonha: Casa del Fascio, 1927, 4. Este discurso foi proferido em 20 de janeiro de 1927 e representa um importante (ainda que hiperbólico) testemunho de Marinetti sobre a viagem à América do Sul.

italianos. O próprio Viggiani era um especialista neste tipo de promoção. Em 16 de dezembro de 1925, Marinetti assinou o seguinte contrato:

O poeta F.T. Marinetti compromete-se a empreender uma turnê de conferências (*minimium* de oito conferências), incluindo Rio de Janeiro, São Paulo, Montevideu e Buenos Aires, com início previsto para Junho de 1926. O Sr. Viggiani compromete-se a organizar as mencionadas conferências nos melhores teatros daquelas cidades (...) estando implícito que sete dias é o período mínimo de permanência em cada cidade (para assegurar o êxito das conferências através de entrevistas, etc...). O Sr. Viggiani compromete-se a pagar a F.T. Marinetti 20% do lucro líquido obtido com a venda de ingressos.<sup>11</sup>

<sup>11</sup>. Yale Beinecke – Arquivo Marinetti, série III, caixa 53, pasta 1978.

<sup>12</sup>. Ver: KOIFMAN, Georgia, org. *Literatura de idéias. Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes Neto. 1924/36*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 193. Na verdade, o livro foi lançado após a partida de Marinetti e contém onze manifestos previamente publicados e uma série de reproduções de trabalhos futuristas. Neste livro, o manifesto que mencionava Mário de Andrade e Yan de Almeida Prado, “Le Futurisme mondial”, foi republicado. Graça Aranha apenas escreveu o prefácio do volume – uma reprodução do discurso de recepção que o brasileiro fez a Marinetti em sua primeira conferência no Rio de Janeiro, em 15 de maio de 1926. Este prefácio – “Marinetti e o futurismo” – está republicado in COUTINHO, Afrânio, org. *Graça Aranha. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1968, 863-866.

<sup>13</sup>. Duas exceções podem ser encontradas no *Jornal do Comércio*. Em 9 de maio, o anúncio esclarecia o título da conferência: “Futurismo”; em 16 de maio, o leitor encontraria mais informações: “Amanhã – Segunda-feira, 17, A despedida de MARINETTI. Preços usuais”. (De fato, a conferência foi realizada em 18 de maio).

Portanto, além de lucrar com a voz dos outros, Viggiani também permitia aos outros lucrar com a própria voz. Neste sentido, os 20% prometidos a Marinetti parecem ter sido a quantia geralmente oferecida em turnês organizadas por empresários como Viggiani. De um lado, tal sistema estava baseado na habilidade do empresário em obter o máximo de visibilidade para seu artista. De outro lado, caberia ao artista entreter o público e criar fatos capazes de atrair a atenção da mídia. O empresário também se responsabilizou pelas despesas de viagem em primeira classe do casal Marinetti, assim como por todos os detalhes organizacionais necessários para o sucesso da iniciativa, além das despesas de hospedagem e a concessão de um generoso *per diem*.

Mas, afinal, quem era exatamente Niccolino Viggiani? Ao contrário do que Antonio Candido imaginou, Viggiani não foi “o editor do livro de Graça Aranha, *Futurismo – Manifestos de Marinetti e seus companheiros*”, uma antologia apontada equivocadamente como a razão da visita do italiano.<sup>12</sup> Viggiani era o diretor de uma companhia teatral que levava o seu nome e cujas apresentações tinham lugar no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Ele era um importante empresário teatral, conhecido por organizar visitas de artistas europeus, especialmente, italianos. Para compreender a importância dos eventos promovidos por Viggiani, basta consultar a seção de espetáculos, por exemplo, do *Jornal do Comércio*. Os anúncios da “Companhia Niccolino Viggiani” ocupavam quatro ou cinco vezes o espaço dedicado aos eventos das demais companhias. Baseado nestes anúncios, Viggiani buscou fixar um padrão idêntico para as conferências de Marinetti, divulgadas como mais uma entre as promoções do empresário. Num mesmo espaço, o leitor encontraria o anúncio de atrações musicais e teatrais ao mesmo tempo em que saberia das conferências do italiano. Aquelas, apresentadas em tipos destacados e com razoável minúcia descritiva; estas, apresentadas em tipos mais discretos, incluindo apenas o nome do poeta e a data da conferência.<sup>13</sup> A diferença gráfica, contudo, não implicava uma distinção qualitativa, na verdade, ela apenas sugeria uma diferença quantitativa. Para o poeta e para o empresário

o recital de uma famosa cantora lírica e a conferência do futurista podiam ser anunciados no mesmo espaço pois representavam formas similares de espetáculo. A diferença realmente significativa dependeria do número de ingressos vendidos, isto é, do lucro obtido.

De fato, Viggiani não poderia reclamar do lucro proporcionado por Marinetti. As seis conferências realizadas no Brasil – duas no Rio de Janeiro, três em São Paulo e uma em Santos – renderam para o empresário a soma de trinta contos e quinhentos e quarenta e três mil-réis, dos quais perto de seis contos destinaram-se a Marinetti.<sup>14</sup> Embora o salário mínimo brasileiro tenha sido oficialmente estabelecido em 1941, segundo cálculos de *A Classe Operária*, um jornal militante da década de 20, a média do salário, em 1925, correspondia a 250 mil-réis. Ou seja, em seis conferências, Marinetti produziu o equivalente a dois anos do salário de um trabalhador comum.<sup>15</sup> Ao que tudo indica, o futurista pensava nesta quantia ao declarar à imprensa argentina que tinha ficado “muito satisfeito com [sua] estada no Brasil, cujos resultados ultrapassaram todas as expectativas”.<sup>16</sup> Não é nosso objetivo detalhar o aspecto financeiro da viagem, contudo, vale a pena registrar que, em sua segunda fase, Marinetti realizou ao menos doze conferências – onze na Argentina, das quais nove em Buenos Aires, e apenas uma no Uruguai. Do total arrecadado com a venda de ingressos, Marinetti obteve 1.373 pesos. Uma soma inferior à obtida no Brasil em um número menor de conferências, mas ainda assim uma quantia razoável se considerarmos que, em 1926, o salário anual de um professor de escola secundária no mais alto nível de qualificação equivalia a 3.300 pesos.<sup>17</sup> De qualquer modo, em carta enviada a seu irmão, Alberto Cappa, Benedetta reconhecia que a segunda fase da viagem não podia ser comparada com a estada no Brasil, ao menos no que se refere aos lucros de seu marido: “Grande sucesso, gloria, gloria. Come sempre pocchissimo successo finanziario”.<sup>18</sup> Inversamente, este comentário revela um aspecto fundamental da viagem de Marinetti, sistematicamente negligenciado ou ignorado pelos críticos literários.

## II. Uma inimizade desvairada

Volto encantado do Brasil. O Rio de Janeiro, sobretudo, suscitou-me impressões vivas e extremamente agradáveis. Senti nesta cidade minha sensibilidade despertada física e intelectualmente, da forma mais amena e festiva (...)

Intelectualmente surpreendeu-me encontrar no Rio um intenso movimento literário e artístico, tendo a seu serviço formosas inteligências e capacidades muito acima do comum. O futurismo é compreendido e defendido por uma legião de escol, igualmente brilhante na prosa e no verso. Graça Aranha e Ronald de Carvalho primam entre esses precursores da arte nova (...)

Malgrado a tempestuosa recepção que recebi em São Paulo, esta cidade deixou-me também excelentes impressões (...)

<sup>14</sup>. A documentação referente ao número de ingressos vendidos e à porção correspondente a Marinetti pode ser consultada in Yale Beinecke – Arquivo Marinetti, série III, caixa 53, pasta 1978.

<sup>15</sup>. Uma situação invejável, *A Classe Operária* 12, 18 de julho de 1925. Apud PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M., orgs. *A Classe operária no Brasil. 1889-1930. Documentos. Vol. II. Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1981, 131.

<sup>16</sup>. Desde ayer es nuestro huésped Felipe T. Marinetti, *La Prensa*, 8 de junho de 1926, 14.

<sup>17</sup>. Liliana Pascual, *San José de Flores 1920-1930. La Educación*, Buenos Aires: CIS – Instituto Torcuato di Tella, 1977, 19 ff. Devemos esta informação a Yasushi Ishii.

<sup>18</sup>. Carta a Alberto Cappa. Getty Center – Arquivo Marinetti, acesso # 850702, série III, caixa 8, pasta 160.

<sup>19</sup>. *O Jornal*, 11 de julho de 1926. Apud BARBOSA, Francisco de Assis, org. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, 79-83.

<sup>20</sup>. Em especial, Da Montevideo a Buenos Aires com F.T. Marinetti, *Giornale d'Italia*, Buenos Aires, 8 de junho de 1926. Nesta entrevista, Marinetti sintetizara suas impressões sobre os intelectuais brasileiros, retomando-as parcialmente na entrevista com Sérgio Buarque.

<sup>21</sup>. O relacionamento de Manuel Bandeira com o casal Marinetti foi mais próximo do que em geral se reconhece. Presente em quase todas as ocasiões públicas importantes durante a permanência de Marinetti no Rio de Janeiro, Bandeira ainda levou o casal para longos passeios de automóvel na cidade, em especial ao Jardim Botânico. Marinetti dedicou quatro páginas de seu diário a esta visita (516-519). Mário de Andrade reagiu com rapidez ao encantamento de Bandeira. Em carta a Prudente de Moraes Neto, enviada em 31 de maio de 1926, Mário não procurou disfarçar sua contrariedade: "O que não compreendo nada é o entusiasmo e a paciência do Manú, desconfio que foi por vontade de carregar nos sonhos eróticos dele a benedetta (sic) Croce tão pouco cristã", in Georgina Koifman (ed., 195.). Adiante, citaremos uma outra carta, agora enviada a Luís da Câmara Cascudo em que o entusiasmo de Bandeira é uma vez mais condenado.

<sup>22</sup>. Telegrama enviado em 23 de maio de 1926. Yale Beinecke - Arquivo Marinetti, série III, caixa 7, pasta 76.

<sup>23</sup>. MARINETTI, F.T., *Taccuini*. 1915/1921, org. Alberto Bertone (ed.), Bolonha: Il Mulino, 529.

Encontrei em São Paulo uma vanguarda de intelectuais que muito honram as letras brasileiras. Conservo grata recordação da cintilante *grei* de futuristas paulistanos. Destaco, sobretudo, Guilherme de Almeida e a Sra. Olívia Penteado.<sup>19</sup>

Esta foi a última entrevista concedida por Marinetti em 1926, na véspera do seu regresso à Itália. Entrevista menos concedida do que produzida, pois coube ao italiano a iniciativa de procurar Sérgio Buarque na redação de *O Jornal*. Com uma última aparição pública, Marinetti encerrou suas atividades de auto-promoção, previstas no contrato assinado com Viggiani e, na verdade, marca registrada do futurista. Se houve uma surpresa não foi quanto às observações, próprias de qualquer turista e que Marinetti já fizera na imprensa argentina,<sup>20</sup> mas quanto aos nomes destacados pelo futurista como representantes da vanguarda brasileira. Graça Aranha e Ronald de Carvalho como "precursores da nova arte" no Rio de Janeiro? Por que não? Marinetti nunca descuidou do ritual da reciprocidade, buscando deste modo construir uma vasta rede de "aliados", capaz de assegurar o futuro de seu movimento. Graça Aranha foi um perfeito anfitrião, brindando o italiano com um discurso encomiástico no Teatro Lírico e facilitando todos os seus contatos para uma maior divulgação das conferências de Marinetti. Por exemplo, Ronald de Carvalho apresentou a conferência radiofônica que, na noite de 22 de maio, reuniu no estúdio da *Rádio Sociedade* personalidades como o vice-presidente Estácio Coimbra, inúmeros deputados, Manuel Bandeira<sup>21</sup> e Graça Aranha, entre outros literatos. Na descrição de um telegrama pontualmente enviado na manhã seguinte: "público seletto considerável (...) brilhante discurso inaugural poeta ronaldcarvalho (sic) sobre grande impacto artístico político do futurismo italiano marinetti (sic)."<sup>22</sup>

É, pois, compreensível a última homenagem prestada por Marinetti a seus novos "aliados" no Rio de Janeiro, local onde ele teve a melhor recepção de toda a viagem. A verdadeira surpresa, contudo, estava reservada à "cintilante" menção a Guilherme de Almeida e Olívia Penteado. Considerá-los como os legítimos representantes da vanguarda paulista parece equivocado mesmo para os que desconhecem o diário que Marinetti manteve durante sua turnê à América do Sul. No dia 29 de maio, por exemplo, o futurista foi recebido na casa de Olívia Penteado para conhecer seu famoso "salão modernista". Marinetti descreve algumas das telas "da senhora Penteada Telles (sic) ... apaixonada pela vanguarda e pelo futurismo", sem esquecer de mencionar os personagens que ali se encontravam: "um Russo que imita Delaunay e Leger. Nas outras paredes, quadros vanguardistas de Tarsilla de Amar (sic) De Garro (italiano) e Reis. Encontro Mário de Andrade, Guilherme de Almeida"<sup>23</sup> Além de declamar poesias, Marinetti assistiu a performances dos dois poetas brasileiros. Guilherme de Almeida foi retratado em seu diário de uma forma nada brilhante: "delicado, refinado, elegantíssimo, rosto e corpo de

uma velha símia equipada com parisiânismo e Mallarmé declama com ardor e virilidade de gestos sua poesia sobre a *Aurora*".<sup>24</sup> Como os erros de ortografia e a referência ao decadentismo dos versos terão esclarecido, Marinetti não viu grandes atrativos em Guilherme de Almeida e Olívia Penteado. Portanto, o destaque que eles ganharam na entrevista mencionada tem um alvo secreto. Um alvo que o futurista tentava acertar com a arma que ele manejava melhor: a publicidade. Marinetti buscava atingir Mário de Andrade, excluindo-o da seleção dos vanguardistas, do mesmo modo que, em 1924, ele tentara seduzir o brasileiro, mencionando-o na improvável lista do "futurismo mundial". Nesta batalha de bastidores reside o pano de fundo das observações de Marinetti. Na entrevista concedida a Sérgio Buarque, o italiano agiu como um perfeito "passadista". O fundador do futurismo escolheu como aliados personagens que os historiadores literários terminariam por considerar secundárias no cânone do movimento modernista. No entanto, Marinetti intuiu muito bem que, em 1926, a questão principal era a escolha de margens. Por exemplo, no dia 26 de maio, Marinetti anotou em seu diário:

Menotti del Picchio (sic), literato futurista atualmente deputado diretor do *Correio Paulistano*.

(...)

Del Picchio há dois anos (sic) fez com Aranha Carvalho Bandeira Andrade de Almeida Prado a semana modernista futurista no Teatro Municipal.

Hoje está brigado com Andrade atacou o último livro de Almeida. Chega Mário de Andrade.<sup>25</sup>

<sup>24</sup>. Idem, *ibidem*.

<sup>25</sup>. Idem, 524.

Apesar dos erros de ortografia e cronologia, estas linhas revelam um atento observador. Em 1926, o movimento modernista estava prestes a assumir faces tão diversas quanto o número de facções que estiolariam a unidade responsável pela eclosão da semana de 1922. Grupos de tendência esquerdista, grupos de inclinação fascista e até apolíticos então emergentes encontrariam expressão em revistas que divulgariam suas plataformas. Além da disputa ideológica, outras lutas eram travadas. Disputava-se o exíguo público com o mesmo interesse com que, muito em breve, boa parte da geração modernista encontraria respaldo em cargos oficiais. Este processo aprofundou uma ruptura semântica cujas primeiras manifestações antecedem 1922. Então, a fórmula a que Marinetti recorreu para definir a Semana de Arte Moderna ("semana futurista modernista"), embora já problemática, poderia ter sido empregada para efeitos propagandísticos. No entanto, em 1926, tal fórmula apenas criaria constrangimentos. Esta mudança atesta anos de esforços por parte de alguns membros do movimento para a superação da imagem de iconoclastas que a Semana impusera. Guilherme de Almeida optou pelo caminho mais fácil, ingressando, em 1930, na instituição preferencialmente visada pelas críticas dos modernistas, a Academia Brasileira de Letras. Ou-

tros participantes da Semana, mais sutis ou menos inclinados aos rituais da Academia, apostaram no modelo do intelectual como arquiteto da modernidade da nação. Neste contexto, a ruptura semântica cristalizou-se. *O termo “futurismo” passou a designar uma condenação indiscriminada, logo, superficial, contra toda e qualquer manifestação do passado. O termo “modernismo”, entendido como a face positiva da reação contra estruturas arcaicas, passou a designar formas novas de identidade cultural, profundamente identificadas com a essência da nacionalidade.* Esta ruptura constituiu um dos elementos determinantes da acolhida que Marinetti teve. Com efeito, ela pode ser observada tanto em debates intelectuais quanto em charges e inúmeras paródias em verso e prosa publicadas na imprensa diária. Nos debates, a ruptura é explicitada formalmente. Nas charges e inúmeras paródias de palavras-em-liberdade com descrições satíricas das conferências de Marinetti, a penetração popular daquela ruptura se esclarece. Por exemplo, um leitor do *Jornal do Comércio* que consultasse a seção de espetáculos, em 9 de maio de 1926, encontraria um anúncio de meia-página, cujo mote prometia: “A EPIDEMIA DO JAZZ: UM FILME FUTURISTA – UMA HOMENAGEM AO ESPÍRITO MODERNO. A supremacia do absurdo! Do ilógico! Do incoerente!” Embora a carga semântica dos termos ainda não esteja diferenciada com nitidez, o absurdo, o ilógico e o incoerente são atributos do filme “futurista”, adjetivo que resume uma parte do “espírito moderno”, mas que não o esgota. Em palavras diretas, Marinetti, o criador do futurismo, desembarcou na América do Sul após a consumação do tempo: tivesse ele chegado em 1924, como seu equívoco sugere (Há dois anos [realizou-se] a semana modernista futurista), provavelmente o rumo de sua viagem teria sido outro.

Ao menos vale a pena imaginar uma possibilidade: se a viagem realmente tivesse ocorrido em 1924, o autor de *Zang Tumb Tumb* poderia então ter encontrado quem talvez desempenhasse um papel mediador fundamental. Durante a permanência de Marinetti no Brasil, Oswald de Andrade estava no exterior, tendo apenas retornado no mês seguinte ao da partida do italiano. As afinidades de Oswald com o futurismo remontam a 1912, em sua primeira viagem a Europa, quando ele leu com interesse o *Fundação e Manifesto do Futurismo*, publicado pelo *Le Figaro* em 20 de fevereiro de 1909; um texto cujo impacto sobre suas concepções não deve ser ignorado.<sup>26</sup> Em seu período formativo, o principal diálogo de Oswald de Andrade foi com as vanguardas francesas e, sobretudo, com Blaise Cendrars.<sup>27</sup> No entanto, entusiasmado com a *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, Oswald não encontrou maior elogio que considerar seu autor, “o meu poeta futurista”.<sup>28</sup> A afinidade realmente importante diz respeito à compreensão oswaldiana da natureza auto-promocional da indústria cultural contemporânea. Oswald, na melhor tradição futurista, provocava abertamente seus adversários, inspirando críticas semelhantes às que foram endereçadas a Marinetti em 1926. Na visão de Oswald de Andrade, a

<sup>26</sup>. Ver FABRIS, Annateresa, *op. cit.*, 266-68; NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

<sup>27</sup>. Sobre o diálogo de Oswald com Cendrars, CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade, in *Oswald de Andrade. Poesias reunidas*. São Paulo: DIFEL, 1966, 32-35; AMARAL, Aracy, *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1968, 85-95.

<sup>28</sup>. ANDRADE, Oswald de. O meu poeta futurista, in BOAVENTURA, Maria Eugenia, org. *Estética e política*. São Paulo: Editora Globo, 1991, 22-25. Este texto foi originalmente publicado no *Jornal do Comércio* (São Paulo) em 21 de maio de 1921.

prática artística dos modernistas se completava na encenação de seu papel social e este poderia, se exercido com a dose necessária de artifício, tornar-se uma outra forma de apresentação da arte moderna. Por isto, um encontro de Marinetti com Oswald de Andrade, ainda que fictício, teria chances reais de oferecer ao futurista um importante e fecundo interlocutor.

Num outro plano, a presença de Mário de Andrade deve ter parecido a Marinetti uma desagradável surpresa. Mário construiu sólidas alianças através de uma minuciosa e quase obsessiva correspondência que deve ter incluído a maior parte dos jovens promissores da geração de autores pós-1922. Os efeitos práticos deste sistema epistolar eram múltiplos. Para compreendê-los, precisamos privilegiar os possíveis vínculos institucionais nele implicados, em lugar de limitar nossa interpretação às vicissitudes pessoais dos missivistas.<sup>29</sup> Através de sua correspondência, Mário pôde coreografar e mesmo coordenar eventos, além de praticamente modelar o horizonte intelectual de escritores iniciantes. Por fim, nas cartas pontualmente enviadas, e que recordam os inúmeros telegramas expedidos por Marinetti, Mário assumiu o papel de cronista da literatura brasileira. Este papel foi o mais importante, pois permitiu a Mário estabelecer-se como uma espécie de criador da memória da cultura nacional, uma ponte entre a idade heróica do modernismo e as gerações posteriores.

Portanto, não teria sido apenas um gesto inconseqüente o que levou Mário de Andrade a enviar para Marinetti uma cópia de *Paulicéia Desvairada* com a dedicatória: “A F.T. Marinetti / com (sic) viva simpatia e ammirazione”.<sup>30</sup> Marinetti, com um olho posto numa futura aliança, respondeu com rapidez e no já citado manifesto “Le Futurisme mondial” alinhavou numa lista ecumênica de “futuristes sans savoir, ou futuristes déclarés” (...) De Andrade, D’Almeida Prado (sic).<sup>31</sup> O alcance do gesto dependia do axioma fundamental da lei da reciprocidade: “só me interessa o outro como um outro aliado”. Deste modo, um pouco antes da chegada de Marinetti em 1926, Yan de Almeida Prado recordou que “um belo dia chegou-me comunicação de outro empresário com aviso que Marinetti ia empreender turnê na América do Sul e contava *naturalmente* com o meu auxílio”.<sup>32</sup> Mário de Andrade também recebeu mensagens de Viggiani, mas com ele a causa do empresário estava perdida desde o começo. O gesto de Marinetti desagradou a Mário de Andrade. Além disto, sentimentos antifascistas e uma crescente inclinação nacionalista, associados a simples ansiedade sobre a repercussão da visita do italiano na cena intelectual brasileira tornaram Mário abertamente hostil à presença de Marinetti. Hostilidade que transparece sob a face irônica de uma breve nota enviada a Prudente de Moraes Neto:

Chego no Rio a bordo do Zelandia. Vá me esperar no cais pra combinar tudo. Não sei pra que Hotel vou. Arranje pois pra estar no cais e me abraçar. Vou buscar o Marinetti.

<sup>29</sup>. Silviano Santiago, em palestra realizada na Universidade de Stanford, destacou esta perspectiva.

<sup>30</sup>. Apud FABRIS, Annateresa, *op. cit.*, 218.

<sup>31</sup>. MARINETTI, F.T., Le Futurisme mondial, in *Le Futurisme. Revue Synthétique Illustrée*, 11 de janeiro de 1924, 2. As dúvidas referentes à identidade do “De Andrade” foram satisfatoriamente resolvidas por Annateresa Fabris, *op. cit.*, 217-18.

<sup>32</sup>. PRADO, J.F. de Almeida, *O Brasil e o colonialismo europeu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, 392, nossos itálicos.

<sup>33</sup>. KOIFMAN, Georgina, org., 191.

Quá! Quá! Quá! O Viggiani é que paga. Quá! Quá! Quá! Sinão eu não ia. Quá! Quá! Quá! Buscá o Marinetti. Quáquá! Quá! Quá! (Isto é ùa modinha).<sup>33</sup>

A reserva inicial de Mário com vanguardistas europeus que vinham conquistar eldorados é bem conhecida. Por exemplo, na *Revista do Brasil*, na edição de março de 1924, por ocasião da primeira visita de Blaise Cendrars ao Brasil, após escrever um longo e favorável ensaio, Mário não resistiu a um duvidoso jogo de palavras. Cendrars quase foi impedido de ingressar no país, pois, em virtude das novas leis de imigração, sua condição física o tornava incapacitado para o trabalho. O braço que o suíço perdera na Primeira Guerra Mundial o tornou alvo da sugestão: na verdade, Blaise Cendrars seria *Sans-Bras*. O artigo de Mário explicitava a equivalência:

As autoridades de Santos quiseram impedir-lhe o desembarque, por que era mutilado. Tudo se arranjou, Felizmente para nós, que possuiremos o poeta por algum tempo. Mas o ato policial me enche de sincero orgulho. Que vem fazer entre nós os mutilados? O Brasil não precisa de mutilados, precisa de braços.<sup>34</sup>

<sup>34</sup>. ANDRADE, Mário de, Blaise Cendrars, *Revista do Brasil*, março, 1924, in EULÁLIO, Alexandre, org., *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edições Quíron, 1978, 160.

<sup>35</sup>. MARINETTI, F.T., Le Futurisme mondial, in *Le Futurisme. Revue Synthétique Illustrée*, 11 de janeiro de 1924, 1.

<sup>36</sup>. PRADO, J.F. de Almeida, *op. cit.*, 396.

<sup>37</sup>. Mário de Andrade publicou a “Carta aberta a Graça Aranha” em 12 de janeiro de 1926, em *A Manhã*. Nesta carta, Mário contestava a pretensa liderança de Graça Aranha e chegava a duvidar do modernismo do autor de *Espírito moderno*, insinuando que Aranha apenas aderira ao movimento modernista movido por interesses pessoais.

<sup>38</sup>. VERÍSSIMO DE MELO, org., *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte, Vila Rica, s/d, 63. A carta foi escrita em 4 de junho de 1926.

A fonte de Mário pode ter sido o manifesto do “Futurisme mondial”, publicado em janeiro de 1924. Nele, Marinetti anunciava o “futurista” Cendrars inaugurando o duvidoso jogo: “Voici le Sans Fil Blaise Cendrars, filmeur de rêves nègres, émetteur des Radios, écraniste solaire du monde entier”.<sup>35</sup> Na imagística futurista, o *Sans-Fil* equivale à explicitude da sugestão andradina. Igualmente direto, Yan de Almeida Prado creditou o incidente a determinada característica de Mário, “ao qual aborrecia o aparecimento de outro pontífice no seu arraial”.<sup>36</sup> No caso de Marinetti, não se tratava de um outro qualquer, mas do próprio criador do futurismo. Por isto, a reação de Mário foi imediata e o debochado “quá! quá! quá!” anunciou a calculada frieza com que Marinetti seria tratado. Mário ironizava tanto a “generosidade” de Viggiani quanto a ingenuidade do italiano que esperava encontrar um “De Andrade” e um “D’Almeida Prado” prontos para o papel de fiéis escudeiros do futurista. Afinal, por que o empresário pagaria as despesas de Mário? Certamente porque sua participação asseguraria à chegada de Marinetti um considerável valor no *marketing* das conferências. Sobretudo após a “Carta aberta a Graça Aranha” que tanta polêmica ocasionara.<sup>37</sup> Reunir os dois líderes do modernismo brasileiro na recepção ao criador do futurismo representaria um verdadeiro evento. Aliás, um evento cujo interesse fez com que criativos jornalistas incluíssem um Mário de Andrade virtual em suas narrativas. Antes que tal versão se transformasse em fato, Mário se viu forçado a reagir: “Os jornais falaram que fui no Rio esperá-lo. É mentira, não fui não. Pretendi ir depois desisti e estou convencido que fiz bem”,<sup>38</sup> pois o inimigo maior da performance futurista era tanto a indiferença hostil quanto o aplauso educado. Em “La voluttà di esser fischiati”, este princípio já havia

sido tematizado: as apresentações futuristas são batalhas que convidam à vaia, à reação violenta por parte do público.<sup>39</sup> Quanto maior a violência desta reação, maior o êxito da *serata futurista*. Talvez porque durante muitos anos tenha convivido com Oswald de Andrade, Mário compreendia tal estratégia com perfeição. Estava, portanto, preparado para a disputa. Faltava apenas o encontro com o adversário. Numa carta a Luís da Câmara Cascudo, Mário descreveu o confronto:

Depois dele estar já três dias em S. Paulo é que fui visitá-lo. Não podia deixar de ir embora esse fosse meu desejo porque desde a Itália e desde muito que tem sido gentil pra comigo. Fui e a primeira coisa que falei pre ele é que tinha deixado de ir à conferência porque discordava dos *meios de propaganda* que estava usando. Ficou sem se desapontar e pôs a culpa no empresário. E falou falou dizendo coisas que eu já sabia e me cansando. Me despedi e espero que se tenha desiludido de Mário que ele imaginava futurista (...) A segunda vez que o vi foi num chá no salão moderno de Dona Olívia Penteado. Esteve absolutamente chato. Não o procurei mais e meio que banquei o indiferente. Me contaram que ele foi embora indignado conosco. É melhor assim. No Rio foi apreciadíssimo dos modernos e teve as honras que não me parece merecidas de ser apresentado no teatro pelo Graça e na conferência do rádio pelo Ronald. Não posso compreender o entusiasmo que tiveram por ele, principalmente o Manuel Bandeira.<sup>40</sup>

Como resposta ao interesse demonstrado pelos cariocas, Mário encontrou a fórmula adequada para neutralizar o italiano: a indiferença. Por fim, num esforço adicional para diminuir o entusiasmo de Bandeira, Mário enviou uma carta ao amigo, na qual anunciava a estratégia que empregaria em seu duelo com Marinetti:

Inda não vi o homem e parece que de despeito ele afirmou no teatro que os futuristas do Brasil estavam todos no Rio de Janeiro (...) mas amanhã, quarta, irei visitá-lo. Si não quiser me receber, melhor, porque evitará a discussão que havemos de ter, pois vou disposto a falar sinceramente o que penso do procedimento dele aqui e que não fui ao teatro porque não estou disposto a assistir espetáculo de vaias mais ou menos preparadas.<sup>41</sup>

Num primeiro momento, Mário reagiu à presença de Marinetti deixando de comparecer aos eventos públicos organizados por Viggiani, evitando assim sua identificação com o líder futurista. Vale dizer, para Mário pouco importava se as vaias eram ou não combinadas, o importante era cercar o evento com um eloqüente silêncio. Num segundo momento, através de uma correspondência enviada a todo o Brasil, ele tomou a si a responsabilidade de descrever e avaliar a visita de Marinetti. Deste modo, além de reforçar sua posição de liderança, Mário construía a memória de futuras gerações. Por fim, Mário procurou desacreditar o papel fundador de Marinetti através de uma sutil armadilha lógica, expondo o paradoxo que cedo ou tarde toda

<sup>39</sup>. MARINETTI, F.T., La volontà di esser fischiati, in MARIA, Luciano de, org., *Guerra sola igiene del mondo* (1915). *Teoria e invenzione futurista*, Milano: A. Mondadori, 1983.

<sup>40</sup>. VERÍSSIMO DE MELO, org., 63-64. Para apresentar os dois encontros de Mário com Marinetti em ordem cronológica, alteramos a ordem original dos parágrafos da carta de Mário de Andrade.

<sup>41</sup>. BANDEIRA, Manuel, org., *Cartas a Manuel Bandeira. Mário de Andrade*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d, 135.

<sup>42</sup>. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Org. Telê Porto Ancona Lopez, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, 192. A crônica de Mário de Andrade foi publicada pela primeira vez in *Diário Nacional*, 11 de fevereiro de 1930.

<sup>43</sup>. FABRIS, Annateresa, *op. cit.*, 219.

<sup>44</sup>. ANDRADE, Mário de. *A Escrava que não é Isaura*, in *Obra Imatura (Obras completas de Mário de Andrade)*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960, 215, nossos itálicos.

vanguarda deve enfrentar. No caso de Marinetti, o paradoxo pode ser assim enunciado: o criador do futurismo exigia o reconhecimento de seu gesto fundador, ou seja, o criador do futurismo buscava legitimar sua posição presente por meio de um evento passado. Logo, se Marinetti afirmara que os verdadeiros futuristas brasileiros estavam no Rio de Janeiro, segundo Mário, os *verdadeiros futuristas italianos eram todos ex-futuristas*. No primeiro encontro dos dois, ocorrido em 26 de maio, no Hotel Esplanada de São Paulo, Mário sugeriu este ponto duas vezes. “Ficamos assim meio sem vida, ele respondeu com certa má vontade às perguntas que eu fazia sobre Folgore e Palazzeschi, meus carinhos italianos do momento”.<sup>42</sup> Pelo visto, o gosto de Mário era bastante seletivo e, neste caso, privilegiava autores que se afastaram de Marinetti. O italiano, se conhecesse melhor a cena brasileira, poderia ter respondido à altura insinuando uma possível predileção por Menotti del Picchia e Graça Aranha... Como último golpe, Mário presenteou Marinetti com um exemplar de *A Escrava que não é Isaura* (1925), acrescentando uma dedicatória “Para F.T. Marinetti / o agitador futurista”. Annateresa Fabris considerou a atitude incoerente: “Para alguém que discordava dos métodos de atuação do homenageado (...) os termos da dedicatória não podem deixar de soar surpreendentes”.<sup>43</sup> No entanto, o conteúdo do livro contém uma série de provocações diretamente dirigidas contra Marinetti. Por exemplo, Folgore é descrito como “porventura o maior e certo o *mais moderno* do grupo futurista italiano”.<sup>44</sup> Além de exaltar as qualidades poéticas de Palazzeschi, Mário transcreve integralmente “La Fontana Malata”.<sup>45</sup> O golpe decisivo, contudo, é a seguinte avaliação da obra de Marinetti:

<sup>45</sup>. *Idem*, 260-62.

Marinetti criou a palavra em liberdade. Marinetti aliás descobriu o que sempre existira e errou profundamente tomando por um fim o que era apenas um meio passageiro de expressão. Seus trechos de palavra em liberdade são intoleráveis de hermeticismo, de falsidade e monotonia.<sup>46</sup>

<sup>46</sup>. *Idem*, 239-40.

<sup>47</sup>. GRAÇA ARANHA, Marinetti e o futurismo, in COUTINHO, Afrânio, org., *Graça Aranha. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1968, 863-866.

A dedicatória do livro deve pois ser lida pelo avesso. Ao escrever “F.T. Marinetti / *agitador futurista*”, menos do que um elogio, Mário estava de fato recusando a opção: “F.T. Marinetti / *poeta futurista*”. Para concluirmos nosso argumento, devemos ressaltar que, neste refinado jogo de xadrez, Marinetti pode ter sido um simples instrumento. Na verdade, o verdadeiro alvo dos ataques de Mário era Graça Aranha. Denunciado na “Carta aberta” como um “passadista” disfarçado em trajes modernos, Aranha buscou recuperar sua posição de liderança no papel de anfitrião do criador do futurismo. No discurso inaugural da primeira conferência de Marinetti na América do Sul, em 15 de maio, Aranha teceu seus argumentos com cuidado: “Marinetti iniciou e organizou a ação libertadora (...) Diante desta grandeza, como é pueril discutir-se se o futurismo de Marinetti já é passado”.<sup>47</sup> Nos próxi-

mos parágrafos, Aranha analisou a cena brasileira, sugerindo um padrão idêntico para a avaliação de seu papel histórico de organizador da Semana de Arte Moderna. Mário respondeu de imediato a este astuto lance, aceitando a primeira parte do raciocínio, porém invertendo suas conseqüências. Graça Aranha bem poderia ser o Marinetti brasileiro. No entanto, dado o princípio de “tal pai, qual filho”, se Marinetti era menos moderno que Folgore e menos futurista que todos os *ex-futuristas*, logo, Aranha era inevitavelmente um “passadista”. Na esfera *pública*, Mário evitou contatos com Marinetti. Na esfera *privada*, ativou seu sistema epistolar para contar uma versão própria dos fatos e, assim, diminuir a importância do italiano. Com esta dupla estratégia, Mário neutralizou as ações planejadas por Graça Aranha.

Um inesperado peão num jogo de xadrez cujos verdadeiros mestres eram Mário de Andrade e Graça Aranha e cujo prêmio era a liderança simbólica do movimento modernista, Marinetti optou pelas alianças possíveis numa situação difícil. Ele excluiu Mário da seleção de vanguardistas brasileiros, substituindo o poeta de *Paulicéia Desvairada* por Guilherme de Almeida e Olívia Penteadó; além de reforçar seus laços com Graça Aranha e Ronald de Carvalho. Podemos agora retornar ao segundo encontro de Mário e Marinetti, desta vez escutando a versão do italiano: “Declamo *Bombardamento*. Mário de Andrade um tipo rude alto com aspecto de bom negro branco declama suspirosamente e leitosamente um de seus *noturnos*”.<sup>48</sup> O “ex-aliado” do manifesto do “Futurisme mondial” reaparece como um poeta decadente, uma antítese do espírito moderno. Depois deste segundo encontro, Mário e Marinetti não se viram em nenhuma outra ocasião. O brasileiro não foi mais convidado para as aparições públicas do italiano e, claro, ele não compareceu às duas últimas conferências de Marinetti. No entanto, a vitória final coube a Mário de Andrade. Graça Aranha nunca recuperou a posição de liderança por ele desempenhada em 1922. Marinetti apenas retornou ao Brasil em 1936 e mesmo assim sem maiores conseqüências. Por fim, através de um perfeito sistema epistolar e de uma constante colaboração jornalística, Mário de Andrade transformou sua versão dos fatos na memória das futuras gerações. Uma conquista que Marinetti, o criador do futurismo, não poderia senão desejar para o seu movimento.

48. MARINETTI, F.T. *Taccuini*. 1915/1921, org. Alberto Bertone org., Bolonha: Il Mulino, 529.